

Uma eclesiologia chamada Francisco

Estudo da eclesiologia do papa Francisco a partir da *Evangelii Gaudium*

An ecclesiology called Francis
Study of the ecclesiology of Pope Francis
from *Evangelii Gaudium*

*Osmar Cavaca**

Resumo: Este artigo procura apresentar alguns aspectos da Eclesiologia do Papa Francisco. A própria escolha do nome Francisco é uma indicação do caminho que o novo papa seguiria, pois na história do papado, de um modo especial, a escolha do nome tem sido reveladora, não no sentido de apenas homenagear ou recordar as virtudes de alguém, mas no de traçar, segundo o coração do novo Papa, os elementos caracterizantes de sua missão.

Palavras-chave: Igreja, Papa, Missão, Povo de Deus.

Abstract: This article presents some aspects of the ecclesiology of Pope Francis. The very choice of the name Francisco is an indication of the way that the new pope would follow, because in the history of the papacy, in a special way, the choice of the name has been revealing, not only in the sense of honor or remember someone's virtues, but in

* Osmar Cavaca é mestre em teologia dogmática. Presbítero na diocese de Taubaté, atualmente leciona teologia na PUC-SP, na Faculdade Dehoniana de Taubaté e na Faculdade Católica de São José dos Campos. Autor de vários estudos na área da dogmática e da antropologia teológica.

the plot, according to the heart of the new Pope, the characterizing elements of its mission.

Keywords: Church, Pope, Mission, People of God.

Mais que um nome, um projeto de Igreja!

Na Bíblia, a imposição de um nome a alguém tem um significado teológico de caráter eminentemente missionário. Na história universal, o nome sempre foi portador da revelação de um desejo existencial de um personagem, ou de seus progenitores para ele. Durante séculos, na tradição da Igreja, grupos religiosos optavam pela mudança de nome, significando quer um ato de despojamento quer a manifestação do desejo de se assumir uma nova forma de vida ou de missão. Na história do papado, de um modo especial, a escolha do nome tem sido reveladora, não no sentido de apenas homenagear ou recordar as virtudes de alguém, mas no de traçar, segundo o coração do novo Papa, os elementos caracterizantes de sua missão.

Assim, o nome *Francisco* tem uma razão profunda na vida e na missão do Papa Bergoglio. O próprio Papa explicou a escolha, referindo-se ao episódio de seu rápido diálogo com o Cardeal Humes, no momento pontual de sua escolha como papa. “Não te esqueças dos pobres!”, foi o conselho do amigo. “(...) pensei em Francisco de Assis. (...) Pensei nas guerras (...). Francisco é o homem da paz. E assim surgiu o nome no meu coração: Francisco de Assis (...). Ah! Como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres!”¹ No entanto, ainda que mais pela intuição que pela reflexão objetiva, sou levado a entender que Bergoglio soube unir, num único nome, duas grandes intuições evangélicas: a simplicidade, a ternura e o amor à paz e aos pobres de Francisco de Assis com a ousadia, talvez seja melhor dizer *parresía*, como ele mesmo às vezes afirma do ardor missionário de Francisco Xavier, que tem sobretudo caracterizado o ministério do novo Papa.

¹ *Ah, come vorrei una Chiesa povera e per i poveri*. Incontro con i rappresentanti dei media, 16/03/2013. Cf. www.vatican.va.

A prática ministerial do “papa que vem do fim do mundo” tem, em todo caso, mostrado que, mais que um nome, *Francisco* é um modo de vida; ou, como diz Leonardo Boff: “Francisco não é um nome... É um projeto de Igreja, pobre, simples, evangélica e destituída de todo poder (...). É uma Igreja ecológica que chama todos os seres com a doce palavra de ‘irmãos e irmãs’”.²

Creio, porém, que não tenham passado pela cabeça de Bergoglio, naqueles fugidios instantes da escolha do nome Francisco, as palavras do Crucificado de São Damiano ao jovem de Assis nos momentos determinantes de sua mudança de vida: “Francisco, vai e restaura minha casa”.³ No entanto, certa licença intuitiva nos permite mais uma vez pensar que elas estavam por detrás, por obra do Espírito, naquele momento crucial da vida de Bergoglio. De tal forma que, numa pequena e simples palavra parecia se esboçar toda uma missão: reconstruir a Igreja de Cristo segundo o projeto do Evangelho.

Por isso tudo, creio oportuno expressar com uma redundância consciente: o pontificado, e isso se faz mais claro no do Papa Francisco, é expressão viva de uma eclesiologia particular. Por essa razão, embora possamos tomar um documento magisterial como ponto de partida, é, sobretudo da vida e da práxis de Francisco que podemos conhecer melhor sua eclesiologia.

Tendo em conta tal entorno, posso entrar agora no cerne de nossa reflexão eclesiológica. Como a presente Exortação é resultado de um Sínodo que tratou da delicada tarefa de anunciar o Evangelho ao mundo contemporâneo, o fio condutor de toda a eclesiologia aqui presente é a face evangelizadora da Igreja. A partir dela é que podemos discernir acentos eclesiológicos mais constantes.

O Papa Francisco e o Concílio Vaticano II

“Tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar” (At 2,1). Numa feliz aproximação, dizemos

² Será a primavera depois de um duro inverno. Entrevista com Leonardo Boff. *IHU on-line*, 18/03/2013.

³ Cel 10,4.

também que, tendo-se completado cinquenta anos depois da realização do Concílio Vaticano II, o Pentecostes que revolucionou a vida da Igreja no século XX, o mundo católico se reunia todo “no mesmo lugar”, naquele memorável dia 13 de março de 2013, para conhecer seu novo Pastor. Uma indicativa coincidência pentecostal.

É bastante evidente que o pensamento do Papa sobre a Igreja de Cristo nos remete ao espírito eclesiológico do Vaticano II. Mas Bergoglio, como bispo latino-americano, bebeu também intensamente da compreensão de Igreja que se desenvolveu em seu continente, sobretudo daquela explicitada pela V Conferência do CELAM, em Aparecida, da qual participou ativamente.

Por isso, entendemos que a eclesiologia do Papa Francisco só pode ser lida na consideração dessas duas dimensões eclesiológicas que emanam do Vaticano II e da Conferência de Aparecida e, conseqüentemente, de suas inspirações também.

I – A originalidade de uma nova e antiga eclesiologia sacramental

O Concílio Vaticano II recupera a compreensão patrística de *mysterion* ou *sacramentum* e dela faz derivar a sacramentalidade da Igreja. Na perspectiva dos Padres, o mistério é compreendido, antes de tudo, não como o inapreensível, mas como o revelado. Sacramento é Deus se antecipando e trazendo ao homem uma realidade inesgotável. É o inaudito pronunciado; o augusto manifestado, o eterno temporalizado, o invisível visibilizado... dupla expressão que aponta para Jesus de Nazaré como o Sacramento por excelência.

É Cristo, o sacramento do Pai, que dá à Igreja a qualidade sacramental (cf. LG 1,9,59; SC 5,26; GS 42; Ag 5) e, mais especificamente, a qualidade de sacramento de salvação (LG 48; GS 45; AG 1), o que permite ao Vaticano II fazer uma analogia dela com o mistério do Verbo encarnado (cf. LG 8).

Cabe à Igreja prolongar Cristo em sua totalidade, em seu Corpo e em seu agir salvífico, e o faz à medida que detém e administra a salvação por Ele conquistada. Uma tarefa invisível que se reveste de gestos visíveis, e que faz da Igreja uma “realidade complexa” (cf. LG 8).

A referência cristológica sacramental é evidente no Concílio, que inicia a Constituição Dogmática sobre a Igreja dizendo: “*Lumen Gentium cum sit Christus*” (*Sendo Cristo a luz dos povos*) (LG 1), apresentando Jesus Cristo como autor da salvação, princípio da unidade e da paz (LG 9), das quais a Igreja é sacramento visível. Portanto, os textos remetem a Jesus Cristo, que tem supremacia sobre a Igreja.

Tornada por Cristo ressuscitado, mediante o Espírito Santo (LG 59), a Igreja, seu sacramento universal de salvação (LG 48), “... é enviada por Jesus Cristo como sacramento da salvação oferecida por Deus” (EG⁴ 112-113; cf. LG 1; GS 22).

Mas, além dessa dimensão cristológica da Igreja-sacramento, o Concílio a considera em referência a outra, a dimensão escatológica, que lhe dá a possibilidade de estabelecer a relação entre Igreja e Reino.

A *Lumen Gentium*, antes de tudo, entende que o Reino é a pessoa de Jesus Cristo, no conjunto de sua vida, suas obras, suas palavras... Depois, o relaciona com a Igreja, dizendo que ela é o “Reino de Cristo já presente em mistério” (LG 3), o “germe e início deste Reino na terra” (LG 5), “germe finíssimo de unidade, esperança e salvação” (LG 9). Portanto, “sua meta é o Reino de Deus, iniciado pelo próprio Deus na terra...” (LG 9). Na mesma perspectiva, nos números 180-181 da Exortação *Evangelii Gaudium*, ao lembrar que todas as dimensões humanas devem ser atingidas pelo projeto de Jesus, o Papa reafirma a ideia conciliar e bíblica de que “A proposta é o Reino de Deus” (cf. Lc 4,43), convidando à superação de todo “eclesiocentrismo”.

Nessa mesma vertente escatológica de sacramento, o papa vê a Igreja como uma comunidade em tensão entre dois momentos, simbolizados por ele pela imagem de dois abraços de Deus: o abraço batismal que o Pai nos dá no início de nossa vida cristã e o abraço final com que Ele espera-nos um dia na glória, abraço misericordioso de quem perdoa nossas infidelidades cometidas desde o primeiro abraço. A Igreja constitui esse *tempus medium*, como uma realidade *inter tempora*,⁵ que evangeliza entre essas duas manifestações de amor do

⁴ PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. (doravante citada com a sigla EG). São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

⁵ Cf. FORTE Bruno, *A Igreja, Ícone da Trindade*, pp. 25-27

Pai (EG 144), e então será o Reino, e se manifestará toda a glória do Pai, finalidade última da evangelização (EG 267).

I.1 Desafios à eclesiologia sacramento: “Não deixemos!”

Embora “sacramento” seja uma categoria eclesiológica que o Papa usa de maneira indireta, espontânea e intuitiva, sem que a nomeie explicitamente, paradoxalmente os desafios aparecem aqui em maior número.

Primeiramente, Francisco considera o perigo que chama de “acédia⁶ pastoral” (EG 81-83). Esta leva cristãos à estagnação pastoral, ao desenvolvimento de uma “psicologia do túmulo”, de “tristeza melosa, sem esperança que se apodera do coração...”, cativados que estão “por coisas que só geram escuridão e cansaço interior e corroem o dinamismo apostólico” (EG 83). Uma eclesiologia-sacramento ressentido muito desse marasmo, que não lhe deixa espaço para a manifestação da realidade transcendente que o sacramento comporta. E o papa conclui: “Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!” (EG 83).

Ligados ao desafio anterior, Francisco afirma que o derrotismo, o pessimismo e o desencantamento constituem um dos problemas mais sérios que extinguem a coragem, o entusiasmo e a ousadia cristãos (EG 84-86). São uma forma de “desertificação espiritual” que torna a vida cristã estéril. Esse sentimento de esterilidade da fé eclesiológica pode acontecer em situações de perseguição religiosa, mas também em espaços de indiferentismo e de aversão religiosa, obscurecendo o mistério de que a vida cristã eclesial é portadora. E conclui o Papa: “Não deixemos que nos roubem a esperança!” (EG 86)

Numa verdadeira chacoalhada eclesiológica, Francisco desmascara um certo “mundanismo espiritual” (EG 93-97) que “se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja” (EG 93). Um mundanismo que se nutre do fascínio do gnosticismo de experiências ou conhecimentos misteriosos que enclausuram a pessoa num imanentismo racional ou sentimental, e de um neopelagianismo

⁶ *Acédia ou acídia é o tédio ou o desânimo que tomam conta da pessoa, impedindo-a de cumprir suas obrigações.* Cf. M. ATTARD, “Acídia” in L. BORRIELLO & Allii (dir.), *Dicionário de Mística*, p. 6.

de quem só confia em si mesmo (EG 94). Mundanismo que gera uma vida cristã narcisista e autoritária, discriminante e moralista, que concretamente se expressa no fascínio exibicionista da liturgia, da doutrina, do prestígio; no fascínio do poder; numa vida social cheia de mordomias como viagens, reuniões, jantares, recepções...; ou num funcionalismo empresarial que visa apenas a Igreja como instituição (EG 95). Uma eclesiologia obcecada pela aparência perde de vista sua dimensão transcendental e se fixa no agora, perdendo de vista sua dimensão escatológica. Permanecer nesse mundanismo é deixar-se inebriar pela aparência, é se tornar corrupto com aparências de bem (EG 97). E o papa conclui: “Não deixemos que nos roubem o Evangelho!” (EG 97).

II - O retorno da eclesiologia “*Corpus verum*”

Essa maneira de pensar a Igreja na Patrística, mais que uma reflexão, representa uma intuição. Nenhum dos Padres elaborou uma reflexão sistemática sobre a Igreja, mas, em todos eles, a consciência de Igreja como mistério e comunhão é viva, clara e precisa.⁷

Mas, os Padres sabem que só podem referir-se à comunhão eclesial enquanto reflexo da comunhão divina. Como diz São Cipriano, a Igreja é “o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.⁸ Por isso, partir da intuição que lhes confere a revelação, os Padres entendem a Igreja como *Ecclesia de Trinitate*, que se reflete na eclesiologia conciliar de comunhão (cf. LG II-IV).

II.1 A Igreja é comunhão

“Comunhão” é uma dimensão eclesiológica que foi se evidenciando aos poucos na eclesiologia conciliar, muito embora, em nenhum momento, o Concílio defina a Igreja explicitamente nesses termos.

Na intuição da Igreja *mistério*, que se explicita de maneira concreta, sobretudo no sacramento da Eucaristia, no primeiro milênio

⁷ DE LA FUENTE Eloy Bueno, *Eclesiología*, pp. 4-5.

⁸ *De Orat. Dom.* 23: PL 4553

entendia-se por *communio* a participação na vida de Deus, comunhão com Ele através da Palavra e dos sacramentos. Assim vivendo, os cristãos vivem a comunhão também entre si, de modo que a eclesiologia de comunhão refere-se à *communio* entre as várias igrejas fundadas na Eucaristia. A esse modo de pensar a Igreja denomina-se classicamente de eclesiologia *Corpus verum*.

O Concílio recupera essa eclesiologia de comunhão na ótica do primeiro milênio. Nessa perspectiva é que *Communio* representa um conceito fundamental da Igreja antiga, sobretudo entre os orientais (cf. OE 13; UR 14s). O Concílio fala também em “comunhão” entre as Igrejas antigas e as Igrejas jovens (cf. AG 19s.37s).

O segundo milênio desenvolveu uma eclesiologia de comunhão de caráter mais jurídico e institucional. Esse enfoque de comunhão também se faz presente no Concílio, e sua expressão mais nítida a encontramos em LG 22, que se refere a uma *communio hierarchica*.

Hoje se fala que uma necessária síntese entre as duas óticas, o que pode esclarecer e amadurecer melhor questões como a relação entre o colegiado e o primado, sobre o Sínodo dos bispos, sobre as Conferências Episcopais, etc.

Podemos dizer que a eclesiologia da Exortação apresenta um quase ensaio dessa síntese. Diz o Papa que ninguém conhece melhor os problemas concretos de um povo que seu próprio episcopado local, e não convém que o papa o substitua (EG 16). Na mesma linha, um pouco mais para frente, Bergoglio, sem nunca negar o primado petrino, propõe a superação de uma “centralização excessiva” que, “em vez de ajudar, complica a vida da Igreja e sua dinâmica missionária” (EG 32).

Logo em sua primeira aparição após sua eleição papal, desde os balcões da Basílica de São Pedro, Francisco surpreendia o mundo referindo-se à sua escolha como “bispo de Roma”, quando todos esperavam, talvez, expressões como “Santo Padre”, “Vigário de Cristo”, ou coisa parecida... Alguns chegaram mesmo a preocupar-se com isso.

Mas, refletindo em termos eclesiológicos a expressão usada quase que intuitivamente por Francisco, vemos que ele recorda o princípio sempre tido em conta pela Igreja de que é enquanto bispo de Roma que o papa é instituído no ministério universal da unidade. Não pelas palavras plásticas, mas pela força simbólica por detrás delas, naquele

momento particular, o papa sintetiza na expressão “Bispo de Roma” a singular e indiscutível apostolicidade da Igreja de Roma, que por isso exerce função primacial. Portanto, entre tantos títulos que se atribuem ao Papa, é impressionante a lucidez de Francisco de rapidamente se apresentar como sucessor de Pedro e como bispo de Roma. Ele é capaz de desenhar uma maneira original de exercer o primado petrino como *primus inter pares*, sentindo-se o Papa um entre outros irmãos no episcopado em suas múltiplas igrejas espalhadas pelo mundo.⁹

Na perspectiva sacramental da eclesiologia, Francisco deixa transparecer que, pela força de memória da Eucaristia (EG 13), a Igreja deve ter a consciência de ser uma *Ecclesia semper reformanda*. Por isso, deve colocar-se em estado de permanente conversão (EG 25-33), seja em suas estruturas (EG 27), em sua metodologia paroquial (EG 28), em suas instituições em geral (EG 29), em sua divisão em Igrejas particulares (EG 30)... Igreja *semper reformanda*, que exorta todos à conversão, inclusive os padres, bispos e até mesmo o papado (EG 31-33). Só atenta a todas essas exigências evangélicas a Igreja conseguirá ser fiel à sua própria vocação (EG 26), ao seu núcleo essencial e ao de sua missão (EG 35.36).

Para tornar concreto aquilo que chama de “conversão eclesial” (EG 26), recordando UR 6 e o Documento de Aparecida (DAp 370), o Papa Francisco usa as palavras de Paulo VI,¹⁰ e convida a Igreja a “aprofundar a consciência de si mesma” e a “meditar sobre o seu próprio mistério (...)”. Só então, diz Francisco, a Igreja pode comparar o seu rosto real hoje com aquele que dela desejou Jesus. E então, não deverá ter medo de deixar de lado costumes não diretamente ligados ao Evangelho, mas que foram sendo assumidos por ela no decorrer da história. Alguns deles, diz o Papa, são até belos e bonitos, mas já “não prestam o mesmo serviço à transmissão do Evangelho” (EG 43). Por isso, Francisco assume, com Tomás de Aquino¹¹ que, “para não

⁹ Assim, num gesto que nada tem de simplório, mas de muita densidade teológico-pastoral, o Papa teria manifestado mudar-se do Vaticano para a Basílica de São João de Latrão, sede oficial do bispo de Roma. Cf “A sugestão do retorno do Papa para Latrão. Entrevista com o historiador Alberto Melloni”, *Vatican Insider*, 22 abr. 2013; *IHU on-line*, 25 abr. 2013.

¹⁰ PAULO VI, Carta Encíclica *Ecclesiam Suam* (6/8/1964), 10-12: AAS 56 (1964), 611-612.

¹¹ *S.Th.* I-II, q. 107, a. 4.

tornar pesada a vida dos fiéis”, a Igreja deve ser moderada na exigência de obediência a esses preceitos, pois “são pouquíssimos” os preceitos que, na verdade, Cristo deixou aos seus Apóstolos (EG 43).

II.2 Desafios à eclesiologia de comunhão: “*Não deixemos!*”

O Papa aponta o individualismo, a crise de identidade e o declínio de fervor de alguns agentes evangelizadores influenciados pela cultura midiática, que geram desconfiança da mensagem da Igreja e desencanto do Evangelho (EG 78-79). Atitude que leva a um acentuado relativismo prático, que faz “agir como se Deus não existisse, como se os pobres não existissem,... como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem”. E o Papa conclui: “Não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário!” (EG 80).

A grande mística humana e cristã de viver em comunidade também corre perigo (EG 87-92), abalada pela tendência pós-moderna de reduzir os círculos de relação e a densidade histórico-encarnacional da salvação. Por isso, diz Francisco, o desafio primordial da evangelização, hoje, não é o ateísmo, mas a urgência de apresentar ao mundo um Jesus Cristo verdadeiro, que se faz carne e se compromete com a história humana, antes que alguém o apresente de forma alienante, sem carne e descomprometido do *humanum* (EG 89). A tentação immanentista de espiritualidades subjetivistas sem rosto e sem carne são riscos para a vida cristã hoje (EG 90). Na Igreja, o cristão é chamado a redescobrir a grandeza sagrada do outro, a reaprender a encontrar Deus em cada ser humano, a suportar as dificuldades da convivência... para poder voltar à fraternidade. E conclui o Papa: “Não deixemos que nos roubem a comunidade!” (EG 92)

A Igreja também sofre dores provenientes de tensões e conflitos internos, como inveja, ciúmes e brigas (EG 98-101), inclusive entre os consagrados (EG 100), o que faz o Pontífice lamentar: “Quem queremos evangelizar com esse comportamento?” (EG 100), e concluir: “Não deixemos que nos roubem o amor fraterno!” (EG 101).

Por isso o Papa nos pede “um testemunho de comunhão fraterna” e nos orienta a pedirmos a graça de crescer na compreensão da lei do amor (EG 99-101). Apesar das diferenças, na diversidade, na pluralidade e na multiplicidade podemos construir a unidade da comunidade

(EG 131). Sem esse esforço de permanente conversão interna, a Igreja perde sua fisionomia evangélica e nada terá a comunicar de bom aos homens.

III – O retorno da “Eclesiologia total”

Com a eclesiologia do *Corpus verum*, e a partir dela, o Concílio redescobriu o primado da “eclesiologia total”, isto é, um modo de pensar a Igreja a partir “da unidade que precede a distinção”,¹² justamente o oposto daquilo que Yves Congar denominou de “hierarcologia”, reinante quase até o Vaticano II. Por isso, o Concílio II antepõe ao tratado da hierarquia o capítulo sobre o Povo de Deus, que destaca a dignidade batismal em suas muitas formas e serviços diversos.

Ao trazer a ideia da Igreja como ícone da Trindade, a Exortação a coloca dentro de uma “eclesiologia total”, à medida que relaciona imediatamente Trindade, Povo de Deus e missão. Isso se vê, sobretudo no capítulo II, quando Francisco refere-se à Igreja com expressões como: “um povo peregrino e evangelizador”, “todo o Povo de Deus anuncia o Evangelho”, “todos somos discípulos missionários”, realçando a piedade popular uma enorme força evangelizadora... (EG 110-134).

À luz do Antigo Testamento, a Igreja é chamada povo de Deus porque é ela quem realiza a vocação a que Israel, o povo eleito, era chamado: ser “sinal entre as nações” (Is 11,12). Por isso, Francisco caracteriza a Igreja como, antes de tudo, povo de Deus (EG 114), povo escolhido, convocado (EG 113), com a missão de “ser fermento de Deus no meio da humanidade” (EG 114).

Assim também, a eclesiologia total do Papa lhe permite retomar afirmações clássicas da LG 12, que afirma que “o conjunto dos fiéis, ungidos que são pela unção do Santo (cf. 1Jo 2,20.27), não pode enganar-se no ato de fé”. Assim, proclama a santidade do Povo de Deus em virtude da ação do Espírito, o que faz dele um povo infalível *in credendo*, dado o seu instinto da fé – *sensus fidei* –¹³ (EG 119), ideia

¹² Bruno FORTE, *A Igreja, ícone da Trindade*, p. 25.

¹³ Já na “Entrevista exclusiva do Papa Francisco ao Pe. Antonio Spadaro”, p. 16, Francisco havia desenvolvido esse tema.

que lhe faculta uma original interpretação do *sentire cum Ecclesia*, de Santo Inácio.

A eclesiologia total que Francisco resgata do Concílio, juntamente com a de Povo de Deus, determina também o estilo da missão da Igreja como “paixão por Jesus e simultaneamente uma paixão pelo seu povo”..., como entrada no “coração do povo” (EG 268-270). E então, possibilita-lhe a compreensão de uma Igreja toda ministerial, realçando clara preocupação com o laicato, com a mulher, com os jovens e com as vocações ao sacerdócio e à vida consagrada (EG 102-109).

Não obstante a emergência do laicato na vida da Igreja, esbarramos ainda num excesso de clericalismo que centraliza as decisões nas mãos de uns poucos. Apesar do florescimento dos ministérios laicais, estes ainda se mantêm tão somente como tarefas *ad intra*, sem refletir como “aplicação do Evangelho na transformação da sociedade” (EG 102).

A eclesiologia Povo de Deus também nos faz reconhecer a indispensável contribuição da mulher na sociedade e na Igreja, inclusive trazendo novas contribuições para a reflexão teológica. A luta pelos seus legítimos direitos são também luta da Igreja, que reconhece a dignidade da mulher e de todos os cristãos emanando do batismo, e não de uma função específica exercida na Igreja (por exemplo, o ministério ordenado). (EG 103-104)

Ao se referir ao desafio da pastoral juvenil hoje (EG 105-106), o papa fala que ela se tornou mais complexa com as grandes transformações sociais pelas quais passamos. As instituições tradicionais já não são mais lugares onde o jovem necessariamente encontra respostas para suas interrogações. Nesse setor, a Igreja cresceu na consciência de que é toda a comunidade de fé que os educa e evangeliza e de que eles devem ter um protagonismo maior na Igreja (EG 106), mas alerta para o necessário encontro entre a experiência e a sabedoria dos idosos e a abertura de perspectivas próprias da juventude. (EG 105-108).

Finalmente, o papa chama atenção para o desafio das vocações ao sacerdócio e à vida consagrada (EG 107). Sua escassez pode estar relacionada à falta de ardor apostólico por parte da comunidade. Só quando esta é fervorosa e se empenha numa intensa vida fraterna, tem força para atrair e fascinar os jovens à consagração. Mas Francisco

alerta para a necessidade de uma seleção melhor dos vocacionados, procurando discernir-lhes as motivações, que não devem estar relacionadas com insegurança afetiva, ou com buscas de poder, de glória humana ou de bem-estar econômico.

IV - Igreja como comunidade substancialmente missionária

“Missão” e “evangelização” constituem o filão condutor de toda a Exortação. O acento eclesiológico da missionariedade é tão forte, neste e em outros escritos de Francisco, que podemos dizer que ele constitui parte intrínseca de sua visão da Igreja. Francisco só entende Igreja a partir de sua dimensão missionária.

Bem na perspectiva da *Evangelii Nuntiandi*, na do Vaticano II e da Conferência Episcopal de Aparecida, Francisco entende a missão como um “estado permanente” (EG 25; cf. DAp 213) da Igreja, de modo que tudo o que ela faz deve estar imbuído dessa intenção missionária (EG 18.34-35). Assim, podemos dizer que, na eclesiologia de Francisco, a Igreja se identifica com sua missão. O uso de termos como tarefa, desafio, causa, paradigma (EG 15), dever (EG 111)... reforçam essa compreensão identitária.

A Igreja é um povo *discípulo missionário*. À medida que se encontra com Cristo, a pessoa não pode senão anunciá-lo, a exemplo dos primeiros discípulos (cf. Jo 1,41), da samaritana (cf. Jo 4,39) e do próprio Paulo que, após tê-lo encontrado “começou imediatamente a proclamar (...) que Jesus era o Filho de Deus” (At 9,20). Tais gestos não nascem de uma obrigação, mas da espontaneidade da consciência, isto é da fecundidade missionária que caracteriza todo aquele que se encontra com Jesus Cristo (EG 89). A “alegria do Evangelho” nasce dessa *via pulchritudinis* (EG 167) em que se converte o caminho de todo homem que se encontra com Cristo.

A missão da evangelização se desenvolve em três âmbitos: o da pastoral ordinária, o âmbito do desafio de reanimar as pessoas batizadas afastadas da vida da Igreja para que recuperem a alegria da fé e o compromisso com Jesus e seu Evangelho, e o âmbito do anúncio do *kerigma* cristão (EG 164) àqueles que ainda não conhecem Jesus ou se recusam a aceitá-Lo (EG 14). Sempre estamos nos encontrando

com pessoas que estão num desses três âmbitos; é preciso sempre levar-lhes o Evangelho (EG 127).

Evidentemente, toda nova situação traz consigo medo, riscos e perigos. Por isso o Papa fala que prefere uma Igreja acidentada, ferida, enlameada porque enfrenta riscos e desafios (EG 61), do que uma Igreja enferma pelo fechamento, pelo ensimesmamento pelo medo e pela comodidade da segurança... (EG 49)

Uma eclesiologia fortemente missionária segue intuitivamente um itinerário que vai do envolvimento e iniciativa, passa por necessárias atitudes de humildade, e chega à colheita de frutos e à festa celebrativa (EG 24). Mas, tal itinerário exige medidas concretas. Assim, a Igreja deve aprender a pregar a Palavra de Deus numa linguagem que fale ao homem de hoje, tal como uma mãe fala a seu filho, sabendo o quê e como dizer, falando ao coração e recuperando o seu espírito materno-eclesial (EG 139-141). Por isso, as homilias devem ser ressonância de nossa vibração com a Palavra de Deus (EG 142-168). Da mesma forma, a Igreja precisa superar a predominância do administrativo sobre o pastoral (EG 63), bem como manter abertas as suas portas (das igrejas e do coração) (EG 46.47).

Atitude concreta também necessária é que os agentes de pastoral, ministros ordenados e não ordenados, homens e mulheres, se exercitem na arte do acompanhamento, como irmãos e irmãs que se põem ao lado das pessoas que iniciam sua vida de fé, ajudando-as no caminho de Deus (EG 169-173). Após o primeiro anúncio, é preciso acompanhar e formar (EG 160.165), formação que, mais que doutrina é, sobretudo processo de crescimento no amor (EG 161), numa verdadeira iniciação mistagógica (EG 166).

A Igreja entende a Sagrada Escritura como fonte de evangelização, e por isso incentiva seus estudos. Da mesma forma, conta com a ajuda dos exegetas e teólogos, incentivando-os a encararem o fazer teológico como carisma e “parte da missão salvífica da Igreja” (EG 40.133).

Mas a Igreja só pode crescer nessa postura eminentemente de permanente evangelização por causa do Espírito Santo. Por isso, em um capítulo inteiro, que é como que uma conclusão da Exortação (cap. V), o Santo Padre reafirma a ideia de que apenas somos evangelizados se o somos “com espírito”. Mas, “uma evangelização com espírito é

uma evangelização com o Espírito” (EG 261), pois é Ele quem trabalha onde e como quer (EG 279). Daí, a necessidade de o missionário crescer numa decidida confiança no Espírito Santo (EG 280).

Mas alguém só se sente motivado para a missão quando cresce no *espírito contemplativo* de quem tem um encontro pessoal com Jesus Cristo (cf. DAp 243-245) na oração, na adoração, no encontro orante com a Palavra... (EG 262-264). Sem essa integração não há *parresía* (EG 259). Sem convicção, sem entusiasmo, sem enamoramento por Cristo não temos força para evangelizar ninguém (EG 266). Do encontro com Jesus ressuscitado renasce a esperança e o entusiasmo que supera todo desânimo (EG 275.276). Daí surge uma preocupação com o bem do próximo, de modo que se dá uma unidade entre vida e missão: eu sou a minha missão (EG 265).

Ainda nessa perspectiva de evangelização, o Papa fala da força missionária da intercessão (EG 281-283), da importância da oração e da intercessão para a realização da missão (EG 281-283).

Finalmente, Francisco apresenta a figura de Maria como Mãe da Igreja evangelizadora, como ícone feminino da Igreja, recordando as belas palavras do Beato Isaac de Estrela: “... o que se atribui em geral à Igreja, Virgem e Mãe, aplica-se em especial à Virgem Maria...”¹⁴ Por isso, a evangelização da Igreja é de estilo mariano (EG 284-288).

V – Uma Igreja humilde e pobre, a serviço dos pobres

Um mês antes de iniciar o Concílio Vaticano II, mais precisamente no dia 11 de setembro dizia o Papa João XXIII: “A Igreja (é) de todos e, e particularmente, a ‘Igreja dos pobres’”.¹⁵

Sabemos da histórica intervenção do Cardeal Lercaro, que afirmava que “o tema fundamental deste concílio é precisamente a Igreja enquanto ‘Igreja dos pobres’”.¹⁶

Temos conhecimento também da existência do grupo dos bispos da “Igreja dos Pobres”, formado logo na ocasião da primeira sessão do

¹⁴ *Sermão 51: PL* 194, 1863 e 1865.

¹⁵ *Acta Apostolicae Sedes*, 54 (1962), 682.

¹⁶ *Apud* Luís GONZÁLEZ-QUEVEDO, *O novo Rosto da Igreja – Papa Francisco*, p. 16.

Concílio, sob liderança de D. Helder Câmara. Foi esse grupo que, no final da última sessão Conciliar, assinou o chamado “Pacto das Catacumbas”, em 13 itens, em que se comprometiam com um jeito pobre de viver, com uma Igreja simples, pobre e para os pobres.¹⁷

Porém, na verdade, o tema da “Igreja dos pobres” não entrou de cheio nem na aula conciliar nem nos documentos resultantes do Concílio: “falou-se sobre os pobres, mas comedidamente. E sobre a Igreja dos pobres guardou-se silêncio”.¹⁸

É, no entanto, na esteira desse ideal de Igreja de João XXIII, do Cardeal Lercaro, do “Pacto das Catacumbas” e das Conferências do Episcopado Latino-americano e do Caribe (cf. DAp 391-398) que o Papa Francisco situa sua eclesiologia. Como proferiu na missa de início de seu pontificado, celebrada no dia de São José, 19 de março de 2013: “Não esqueçamos jamais que o verdadeiro poder é o serviço, e que o próprio papa, para exercer o poder, deve entrar sempre mais naquele serviço que tem o seu vértice luminoso na Cruz; deve olhar para o serviço humilde, concreto, rico de fé de São José, e, como ele, abrir os braços para guardar todo o povo de Deus e acolher, com afeto e ternura, a humanidade inteira, especialmente os mais pobres, os mais fracos, os mais pequeninos”.¹⁹

Por isso, não poderíamos esperar sinais diferentes desses na eclesiologia que emana da *Evangelii Gaudium*. De toda a Exortação se podem intuir sinais indicativos da riqueza da simplicidade, de ape-los à volta ao fundamental, de opção evangélica pelos pobres, mas é principalmente no Capítulo IV, “A dimensão social da evangelização” que isso aparece explicitamente.

Assim, o Papa mostra que se queremos verdadeiramente zelar pela tradição da Igreja, pela ortodoxia como tal, é preciso levar em consideração esse elemento tão tradicional e ortodoxo dos cristãos, como é reconhecer que “Hoje e sempre, ‘os pobres são os destinatários

¹⁷ Cf. Oscar BEOZO, *A Igreja no Brasil no Concílio Vaticano II, 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005, pp. 364-366.

¹⁸ Jon SOBRINO, “A ‘Igreja dos Pobres’. Venturas e desventuras: Do papa João XXIII ao monsenhor Romero”, *Concilium*, 349 (2013/1). 104-113 (107).

¹⁹ *Apud* Luís González-QUEVEDO, *O Novo Rosto da Igreja – Papa Francisco*, p. 67.

privilegiados do Evangelho'²⁰ (...). Há que se admitir sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres..." (EG 48).

Observamos que o discurso sobre os pobres, em Francisco, passa por três patamares: o do embasamento bíblico-cristológico, o de categorização teológica e o patamar eclesiológico.

No que se refere ao bíblico-teológico, Francisco apenas retoma dados já conhecidos: Deus quer ouvir o clamor dos pobres (EG 187), eles estão no coração de Deus (EG 197), a história da redenção está toda assinalada pela presença deles (EG 197), a misericórdia de Deus é manifestada, antes de tudo, a eles.²¹ Como ponto culminante e resumo de tudo isso, o Papa cita Bento XVI: o fundamento cristológico da opção preferencial pelos pobres "está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza" (cf. DAp 392; DI 3; EG 198).

Dessa base surge a categoria teológica "opção evangélica preferencial pelos pobres". E aqui surge um dado original: Francisco realça que o amor aos pobres é dom de Deus, é "obra libertadora da graça" (EG 188). E mais, resgata o verdadeiro sentido de "solidariedade", identificando-a com *metanoia*: "muito mais do que alguns atos esporádicos de generosidade", diz o Papa, solidariedade é "criação de uma nova mentalidade" baseada na "prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns" (EG 188). Portanto, uma verdadeira categoria teológica, que deriva do jeito de ser Deus, revelado nitidamente em Jesus Cristo, e não uma simples opção sociológica (EG 198).

Finalmente, num terceiro patamar, a Exortação conclui dá à categoria teológica "opção preferencial pelos pobres" uma dimensão eclesiológica. E o faz através de afirmações como a que lembra que os pobres representam o "critério-chave de autenticidade, (...), o sinal que nunca deve faltar" para que a pregação da Igreja seja continuidade da missão de Cristo (cf. EG 195)... Então, o Papa convida a Igreja a desenvolver os mesmos sentimentos de Cristo (cf. Fl 2,5).

²⁰ BENTO XVI, *Discurso durante o encontro com o episcopado brasileiro* (Catedral de São Paulo, 11/5/2007), 3; AAS (2007), 428.

²¹ JOÃO PAULO II, *Sollicitudo rei socialis*, 30/12/1987, 42.

Uma visão assim, de Igreja dos pobres, só podia ser esperada daquele que, antes ainda de assumir oficialmente o ministério petri-no, já o dissera em uma das tantas entrevistas: “Ah, como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres!”,²² expressão que ele fez questão de repetir na *Evangelii Gaudium* (198):

Assim, Francisco traz de volta o tema da Igreja dos pobres, lembrando-nos de que é preciso descobrir Cristo neles, reconhecer neles seu potencial evangelizador (EG 198). Tudo isso já o sabemos há muito, seja pelo Concílio, seja, sobretudo pelas Conferências Episcopais de nosso Continente. Não teríamos nos surpreendido tanto ao ouvir um pronunciamento magisterial desse teor, “se tivéssemos levado a sério estas recomendações do Concílio” diz o Pe. Quevedinho, e, continua ele em saudável tom de ironia: “não haveria motivo para admirar-se de que o Papa Bergoglio continue com seus sapatos pretos normais, em lugar de sapatos vermelhos de grife”.²³

VI – Concluindo... *Non novum, sed nove!*

De tais pontos relevantes na eclesiologia do Papa Bergoglio, de forte ressonância do Vaticano II e das Conferências Episcopais da América Latina, ficam para nós questionamentos que não podem passar despercebidos.

Ficamo-nos interrogando como, por exemplo, poderá se expressar doravante, a *communio ecclesiarum* derivada do grande realce e importância dados pelo Papa às Igrejas particulares? Que consequências terá essa abertura para a vida eclesial?

Da mesma forma, perguntamo-nos como manusear o surgimento das intuições muito próprias do Papa sobre a colegialidade dos bispos, não só no nível da sua relação com a Santa Sé, mas também nos outros níveis da vida eclesial?

Assim também, do grande realce e valorização que o Papa faz do laicato na Igreja, ficamos todos na expectativa de uma lucidez maior

²² *Ah, come vorrei una Chiesa povera e per i poveri*. Incontro con i rappresentanti dei media, 16/03/2013. Cf. www.vatican.va.

²³ Luís González-QUEVEDO, *O Novo Rosto da Igreja – Papa Francisco*, p. 68.

no que se refere aos níveis de participação e de corresponsabilidade dos leigos, e dos passos concretos que poderão ser dados nesse sentido.

Que poderá significar, e que consequências poderá ter o retorno, no discurso do Papa, de uma categoria conciliar eclesiológica tão contundente como a de Povo de Deus?

A postura do Papa em relação às ciências bíblicas e teológicas, inclusive com grande contribuição da mulher, traz o conhecimento e a consciência da pluralidade de eclesiologias e de formas de viver a comunhão eclesial nos primeiros tempos cristãos, o que vai certamente questionar a existência de um único modelo de Igreja.

A Exortação, bem como outros pronunciamentos do Papa, traz à luz alguns elementos eclesiológicos esquecidos como, por exemplo, a questão da infalibilidade do povo que crê (*infallibilitas in credendo*). Como, na prática, será articulada essa compreensão eclesiológica?

Enfim, como se pode perceber, os questionamentos que brotam da visão eclesiológica do Papa não devem ser muito diferentes daqueles que podem ter sido feitos pouco tempo depois de encerrado o Vaticano II, o que mostra a sintonia entre Francisco e esse acontecimento. Outros elementos eclesiológicos poderiam ser ainda levantados a partir da *Evangelii Gaudium*. Como, por exemplo, a visão de uma Igreja aberta ao mundo e a de uma Igreja que dialoga com outras religiões, o que será, certamente, objeto de estudo de especialistas em outras ocasiões.

Bergoglio, que se projetou na Igreja da Argentina muito mais como pastoralista do que como teólogo – embora não possamos negar sua boa base teórica de teologia –, não está preocupado com novidades eclesiológicas, e muito menos com citações de efeito. Sua eclesiologia, na verdade, atualiza a tradição eclesiológica do primeiro milênio, que vê a Igreja basicamente como uma *comunhão*, e bebe das intuições eclesiológicas de Povo de Deus, de abertura e opção pelos pobres e de identidade missionária, que caracterizaram as eclesiologias do Vaticano II e do CELAM. Sem a pretensão de nos apresentar uma eclesiologia original de ponta, Francisco quer tão somente de nos reconduzir àquilo que ele acredita ser a verdadeira essência da Igreja de Cristo.

Portanto, a eclesiologia de Francisco não é propriamente uma inovação. No entanto, nela, uma “originalidade” singular salta à vista. Primeiramente, porque sua maneira de conceber a Igreja é tecida de

fios objetiva e lucidamente articulados; e depois, porque nela transparecem muito mais os valores sobre os quais se fundamentam seu projeto pessoal de vida e seu ministério que um arrazoado de ideias teológicas bem articuladas. Uma maneira muito atual de se reconhecer a verdade de um adágio muito conhecido nos meios religiosos de outros tempos: “*Non novum, sed nove*”.

Bibliografia

- Ah, come vorrei una Chiesa povera e per i poveri*. Incontro con i rappresentanti dei media, 16/03/2013. Cf. www.vatican.va
- DE LA FUENTE, Eloy Bueno, *Eclesiología*, Madrid: BAC, no. 18, 2007.
- ENTREVISTA exclusiva do Papa Francisco ao Pe. Antonio Spadaro. São Paulo: Paulus & Loyola, 2013.
- FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*: a alegria do Evangelho; sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus & Loyola, 2013.
- FORTE, Bruno, *A Igreja: Ícone da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005.
- PRONUNCIAMENTOS do Papa Francisco no Brasil. São Paulo: Paulus & Loyola, 2013.
- QUEVEDO, Luís González, *O Novo Rosto da Igreja: Papa Francisco*. São Paulo: Loyola, 2013.